



A leitura dos dados locais não pode ser descolada do contexto nacional e global. O início de 2026 chegou marcado por tensões geopolíticas relevantes, especialmente o conflito no Oriente Médio, que empurrou o petróleo Brent para a faixa de US\$ 118 em março, pela reversão do ciclo de juros no Brasil e por um quadro fiscal que, embora ainda dentro dos limites do arcabouço, exige atenção. Para o varejo, todos esses vetores se traduzem em um ambiente de demanda moderada, crédito caro e consumidores pressionados pelo endividamento recorde.

Cenário Econômico — Abril de 2026

Contexto internacional

O mês de março foi dominado pelos reflexos da guerra no Oriente Médio. O conflito entre EUA, Israel e Irã elevou a aversão ao risco nos mercados globais, derrubou bolsas internacionais e impulsionou o petróleo de forma expressiva: o Brent acumulou alta de 63,3% no período, encerrando março próximo a US\$ 118 por barril. Esse choque de oferta de energia reconfigurou as expectativas de inflação em todo o mundo e forçou os principais bancos centrais a adotar postura mais cautelosa.

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve manteve os juros inalterados, retirando do radar as possibilidades de cortes em 2026. A desaceleração gradual do mercado de trabalho americano, com a taxa de desemprego subindo para 4,4%, e a inflação ainda acima de 2% sustentam a postura prudente do Fed. O dólar global avançou 2,3% em março, retomando o papel de ativo de segurança, enquanto o real oscilou de R\$ 5,13 para R\$ 5,18, movimento contido pelo diferencial de juros doméstico, que manteve o Brasil atrativo para o capital externo.

Política monetária e Selic

No Brasil, o Copom realizou em 18 de março o primeiro corte de juros desde maio de 2024, reduzindo a Selic de 15,00% para 14,75% ao ano. O movimento, de apenas 0,25 ponto percentual, menor do que as apostas iniciais do mercado, que chegaram a prever 0,50 p.p., refletiu a preocupação com os efeitos inflacionários secundários da alta do petróleo. O ciclo de flexibilização começou, mas em ritmo cauteloso.

O mercado projeta a continuidade dos cortes em incrementos de 25 bps por reunião, com a Selic terminal sendo revisada de 12,25% para 13,00% ao ano ao final de 2026. Para o varejo, esse ritmo de queda é mais lento do que o esperado: o alívio no custo do crédito ao consumidor e no capital de giro das empresas levará meses para se materializar de forma significativa. A próxima reunião do Copom está agendada para 28 e 29 de abril.





Atividade econômica e crédito

A economia brasileira mostrou sinais de resiliência no início de 2026: o IBC-Br avançou 0,8% em janeiro, revertendo a queda de dezembro. As pesquisas setoriais apontam melhora no comércio (+0,4%), serviços (+0,3%) e indústria (+1,8%), com a agropecuária atuando como principal fator de contenção (-1,5%). O mercado mantém a projeção de crescimento real do PIB em 1,9% para 2026, desaceleração frente aos 2,3% registrados em 2025, com o aperto monetário como principal vetor de contenção da atividade.

O crédito manteve trajetória de crescimento moderado. O saldo total do sistema financeiro avançou 9,6% ao ano, com o crédito direcionado liderando a expansão (+12,2% a/a) e o crédito livre mais contido (+7,7% a/a). Linhas como o consignado privado e o cartão de crédito sustentaram parte do consumo em um ambiente de juros elevados. O comprometimento da renda das famílias, porém, já se aproxima de 30%, nível que limita estruturalmente a expansão mais ampla do crédito e do consumo.

Quadro fiscal

O cenário fiscal permanece desafiador. O Ipea (Carta de Conjuntura de abril de 2026) aponta que o déficit primário do governo central atingiu R\$ 60,6 bilhões em 2025, representando 0,48% do PIB, piora frente aos 0,36% de 2024. A expansão das despesas obrigatórias (previdência, benefícios assistenciais, pessoal e transferências constitucionais) explicou a deterioração, enquanto as despesas discricionárias permaneceram comprimidas como principal variável de ajuste.

Para 2026, o 1º Relatório Bimestral de Receitas e Despesas Primárias revisou as estimativas com redução de receita líquida de R\$ 13,7 bilhões e aumento de despesa de R\$ 23,3 bilhões, resultando em nova projeção de déficit de R\$ 59,8 bilhões. Após as deduções legais previstas no arcabouço fiscal, o resultado permanece positivo em R\$ 3,5 bilhões, dentro do intervalo de tolerância, mas com margem estreita. O mercado, via Boletim Focus, projeta convergência gradual para o equilíbrio apenas em 2027. O estoque da dívida pública federal atingiu R\$ 8,6 trilhões em janeiro de 2026, com a dívida bruta em cerca de 78,7% do PIB.

⚠ A trajetória fiscal importa para o varejo porque: (i) pressiona a percepção de risco e o câmbio, encarecendo produtos importados; (ii) limita o espaço para políticas de estímulo à renda; e (iii) influencia a velocidade com que o Banco Central pode reduzir juros sem comprometer a ancoragem inflacionária.



Perspectivas e projeções

Indicador	2023	2024	2025	2026 (proj.)
PIB real	3,2%	3,4%	2,3%	1,9%
IPCA	4,6%	4,8%	4,3%	4,7%
Selic (dez)	11,75%	12,25%	15,00%	13,00%
USD/BRL	4,84	6,18	5,47	5,40

Mercado de Trabalho Formal | CAGED

O Novo CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) registra mensalmente todas as admissões e desligamentos de vínculos celetistas no Brasil. É a principal fonte para acompanhamento do emprego formal e permite o recorte por município, setor econômico e segmento de atividade, o que torna o indicador especialmente relevante para o varejo organizado.

Resultado Mensal — Porto Alegre | Fevereiro de 2026

Em fevereiro de 2026, Porto Alegre gerou saldo positivo de 969 empregos formais, resultado de 23.861 admissões frente a 22.892 desligamentos. O desempenho, embora positivo no agregado, esconde uma divisão setorial nítida: o motor da geração foi Serviços, com 711 vagas líquidas, enquanto a Indústria e os segmentos de varejo e atacado do Comércio fecharam postos. O estoque total de trabalhadores formais em Porto Alegre superou a marca de 592 mil vínculos ativos.

Setor	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Serviços	15.423	14.712	+711	426.041
Construção	1.814	1.645	+169	29.910
Agropecuária	160	90	+70	1.605
Indústria	1.090	1.135	-45	30.452
Comércio Total	5.374	5.310	+64	104.666
· Varejo	4.243	4.278	-35	76.192

· Atacado	599	618	-19	16.788
· Veículos e Motos	532	414	+118	11.686
TOTAL — Porto Alegre	23.861	22.892	+969	592.674

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego — Novo CAGED/PDET. Referência: fevereiro de 2026.

O resultado do Comércio merece atenção especial. O saldo agregado do grupamento foi levemente positivo (+64 vagas), mas isso mascarou dinâmicas opostas entre os segmentos: enquanto Veículos e Motos registrou +118 postos, o Comércio Varejista fechou 35 vagas e o Atacado (ex-veículos) recuou em 19. A leitura conjunta indica que a expansão do emprego comercial está concentrada em segmentos distintos da venda ao consumidor final, justamente onde o impacto do crédito caro e do endividamento das famílias é mais sentido.

No plano nacional, o CAGED de fevereiro registrou 255.321 vagas formais criadas no Brasil, resultado abaixo das expectativas do mercado e 42% inferior ao de fevereiro de 2025. O Rio Grande do Sul ocupou a 2ª posição entre os estados, com +24.392 vagas, sustentado amplamente por Serviços. Para o comércio nacional, o saldo foi de apenas +6.127 vagas, confirmando que a fragilidade do emprego varejista não é um fenômeno local, mas uma tendência de âmbito nacional associada ao aperto monetário e ao elevado endividamento das famílias.

⚠ Em fevereiro, mês historicamente positivo para o varejo, recontrações pós-Natal e início do ano comercial, o Comércio Varejista de Porto Alegre encerrou no vermelho pela segunda vez consecutiva. Em fev/25, o mesmo setor havia registrado +281 postos. A reversão é significativa.

Acumulado Bimestre — Porto Alegre | Janeiro–Fevereiro de 2026

ADMISSÕES (bimestre)	DESLIGAMENTOS (bimestre)	SALDO ACUMULADO
48.164	45.984	+2.180
		RS: +24.392 BR: +255.321

O acumulado do bimestre permite identificar tendências que o resultado de um único mês pode não revelar. Em Porto Alegre, os dois primeiros meses de 2026 consolidaram um retrato de mercado de trabalho formalmente em expansão no agregado, mas com uma clivagem setorial relevante: quatro dos cinco grandes grupamentos registraram saldo positivo, enquanto o Comércio como um todo, acumulou déficit.





Setor	Admitidos	Desligados	Saldo	Var. Relativa
Serviços	31.281	29.211	+2.070	+0,49%
Construção	3.843	3.293	+550	+1,87%
Agropecuária	251	129	+122	+8,23%
Indústria	2.275	2.118	+157	+0,52%
Comércio Total	10.514	11.233	-719	-0,68%
· Varejo (CNAE 47)	8.330	9.082	-752	-0,98%
· Atacado	1.194	1.282	-88	-0,52%
· Veículos e Motos	990	869	+121	+1,05%
TOTAL — Porto Alegre	48.164	45.984	+2.180	+0,37%

Fonte: MTE — Novo CAGED/PDET. Acumulado janeiro–fevereiro de 2026.

O dado mais relevante da tabela acumulada é a variação relativa do Comércio Varejista: -752 postos sobre um estoque de 76.944 trabalhadores representam retração de 0,98% do quadro formal em apenas dois meses. Para contextualizar, essa perda supera em volume todo o saldo positivo acumulado durante os doze meses de 2025, quando o varejo gaúcho criou apenas +114 postos líquidos ao longo do ano inteiro.

A Agropecuária registrou a maior variação relativa entre os setores (+8,23%), reflexo do pequeno estoque de base e de contratações sazonais. Construção (+1,87%) e Serviços (+0,49%) mostram expansão sólida. A Indústria, apesar do saldo positivo no bimestre (+157), ainda opera com estoque pressionado pela concorrência do comércio eletrônico e pela alta do custo de capital.

⚠ O Comércio Varejista foi o único grande grupamento com saldo negativo no bimestre (-752 postos, -0,98%). Todos os demais setores encerraram janeiro–fevereiro no positivo, o que reforça que a fragilidade é específica do varejo e não um fenômeno generalizado do mercado de trabalho local.



Análise e Contexto do Varejo

Retrospecto e tendência

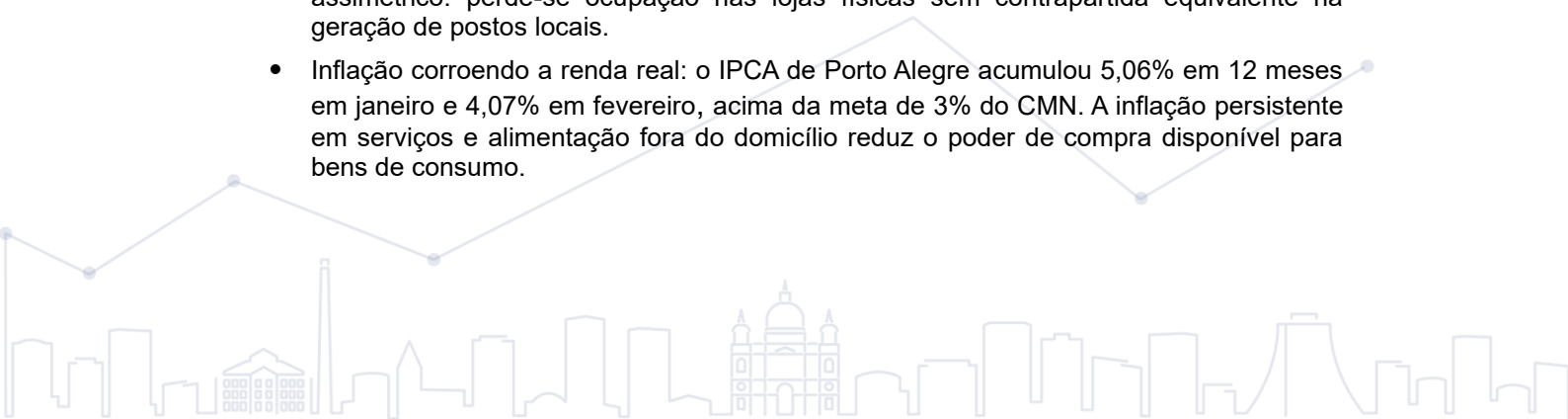
A análise do emprego varejista em Porto Alegre revela uma deterioração progressiva que antecede 2026. Ao longo de 2025, o Comércio Varejista oscilou entre meses positivos e negativos, encerrando o ano com saldo acumulado de apenas +114 postos, evolução residual diante de um mercado de trabalho local que criou mais de 13 mil vagas formais no mesmo período. Em janeiro de 2026, o varejo fechou 701 postos, contra 540 em janeiro de 2025, piora interanual de 30%. Em fevereiro, mês de recuperação histórica, o setor não reverteu a tendência, registrando -35 postos, ante +281 em fevereiro de 2025.

O estoque de trabalhadores formais no varejo de Porto Alegre recuou de 76.909 postos em dezembro de 2025 para 76.192 ao final de fevereiro de 2026, o nível mais baixo desde o início de 2025. Cada ciclo sazonal de contração-recuperação está deixando um piso mais baixo do que o anterior, padrão que indica erosão estrutural, não apenas flutuação natural.

Fatores estruturais de pressão

A fragilidade do emprego varejista reflete uma combinação de fatores que atuam simultaneamente:

- Crédito caro e seletivo: com a Selic em 14,75% a.a. mesmo após o corte de março, o custo do capital de giro varejista permanece elevado. O crédito livre para pessoas físicas cresce a apenas 7,7% ao ano, ritmo que não sustenta expansão robusta do consumo a prazo.
- Endividamento recorde das famílias: 80,4% das famílias brasileiras estavam endividadas em março de 2026, máxima histórica da PEIC/CNC, com comprometimento de renda próximo a 30%. Esse quadro limita a disposição e a capacidade das famílias de ampliar o consumo não essencial, que é justamente o coração do varejo.
- Inadimplência em alta: a proporção de famílias com dívidas em atraso alcançou 29,6% em março, alta de 1,0 ponto percentual em relação ao mesmo mês de 2025. O avanço da inadimplência tende a levar os varejistas a apertar as condições de crediário próprio, reduzindo ainda mais as vendas a prazo.
- Competição do comércio eletrônico: a expansão das vendas digitais aumenta o faturamento do varejo sem gerar empregos físicos na mesma proporção. O impacto é assimétrico: perde-se ocupação nas lojas físicas sem contrapartida equivalente na geração de postos locais.
- Inflação corroendo a renda real: o IPCA de Porto Alegre acumulou 5,06% em 12 meses em janeiro e 4,07% em fevereiro, acima da meta de 3% do CMN. A inflação persistente em serviços e alimentação fora do domicílio reduz o poder de compra disponível para bens de consumo.





📌 Referência para março: saldo acima de +193 postos no varejo de Porto Alegre, resultado de março de 2025, seria o primeiro sinal de reversão da tendência negativa. Abaixo disso, configura-se o terceiro mês consecutivo de desempenho interanual negativo, sinalizando que o problema tem componente estrutural além da sazonalidade.

Inflação | IPCA — Porto Alegre

A inflação é um dos principais determinantes do comportamento do consumidor e, por extensão, do desempenho do varejo. Quando os preços sobem acima da renda, as famílias reduzem o consumo de bens não essenciais e postergam compras de maior valor. Quando a inflação está dentro da meta, o Banco Central tem mais espaço para reduzir juros, barateando o crédito e estimulando o consumo. Monitorar a trajetória do IPCA local é, portanto, acompanhar o termômetro do poder de compra das famílias porto-alegrenses.

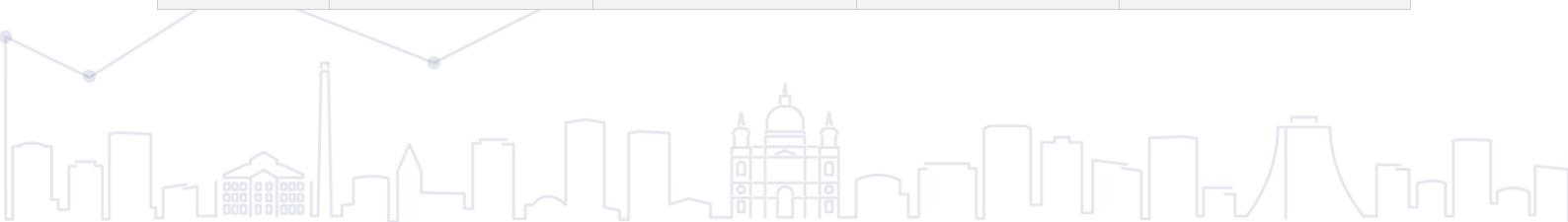
IPCA mensal jan/26 +0,23% Acum. ano: +0,23%	IPCA mensal fev/26 +0,33% Acum. ano: +0,57%	IPCA 12m — jan/26 5,06% ▲ Acima do teto (4,5%)	IPCA 12m — fev/26 4,07% ↓ Recuo de 0,99 p.p.
---	---	--	--

Histórico — Índice Geral | Março 2024 a Fevereiro 2026

A tabela a seguir apresenta a trajetória completa do IPCA de Porto Alegre nos últimos 24 meses, com três dimensões de leitura: a variação mensal (ritmo de alta mês a mês), o acumulado no ano (útil para comparações anuais) e o acumulado em 12 meses (medida oficial de inflação, que o Banco Central monitora para fins da meta). As linhas destacadas em azul correspondem aos dois meses mais recentes disponíveis, janeiro e fevereiro de 2026.



Mês	Var. Mensal	Acum. no Ano	Acum. 12 Meses	Posição / Meta (3% ± 1,5%)
mar/24	-0.13%	+0.52%	2.86%	✓ Dentro da meta
abr/24	+0.64%	+1.16%	3.02%	✓ Dentro da meta
mai/24	+0.87%	+2.04%	3.83%	✓ Dentro da meta
jun/24	-0.14%	+1.91%	3.71%	✓ Dentro da meta
jul/24	+0.36%	+2.28%	3.53%	✓ Dentro da meta
ago/24	+0.18%	+2.46%	3.47%	✓ Dentro da meta
set/24	+0.39%	+2.86%	3.69%	✓ Dentro da meta
out/24	+0.16%	+3.02%	3.81%	✓ Dentro da meta
nov/24	+0.03%	+3.05%	3.49%	✓ Dentro da meta
dez/24	+0.50%	+3.57%	3.57%	✓ Dentro da meta
jan/25	-0.03%	-0.03%	3.41%	✓ Dentro da meta
fev/25	+1.29%	+1.26%	4.20%	✓ Dentro da meta
mar/25	+0.76%	+2.03%	5.13%	▲ Acima do teto
abr/25	+0.95%	+3.00%	5.44%	▲ Acima do teto
mai/25	+0.12%	+3.12%	4.66%	▲ Acima do teto
jun/25	+0.05%	+3.17%	4.85%	▲ Acima do teto
jul/25	+0.41%	+3.59%	4.90%	▲ Acima do teto
ago/25	-0.40%	+3.18%	4.29%	✓ Dentro da meta
set/25	+0.50%	+3.70%	4.41%	✓ Dentro da meta
out/25	+0.33%	+4.04%	4.59%	▲ Acima do teto
nov/25	+0.09%	+4.13%	4.66%	▲ Acima do teto
dez/25	+0.63%	+4.79%	4.79%	▲ Acima do teto



jan/26	+0.23%	+0.23%	5.06%	▲ Acima do teto
fev/26	+0.33%	+0.57%	4.07%	✓ Dentro da meta

Fonte: IBGE — IPCA Tabela 7060, Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). Linhas em azul = dados mais recentes (jan–fev/2026). Verde = dentro ou abaixo da meta; vermelho = acima do teto de 4,5%.

A leitura da tabela revela três fases distintas na trajetória inflacionária de Porto Alegre nos últimos dois anos. De março a dezembro de 2024, o IPCA local operou confortavelmente dentro do intervalo de tolerância, com o acumulado em 12 meses oscilando entre 2,8% e 3,8%, período de relativa estabilidade que favoreceu o consumo. A partir de fevereiro de 2025, a inflação local acelerou, com o acumulado em 12 meses chegando ao pico de 5,44% em abril de 2025 (acima do teto de 4,5%), reflexo da alta de preços de alimentos e serviços naquele período.

Em 2026, o quadro começa a melhorar: o acumulado em 12 meses recuou de 5,06% em janeiro para 4,07% em fevereiro, queda expressiva de 0,99 ponto percentual em uma única leitura. A inflação retornou ao interior do intervalo de tolerância, embora ainda distante do centro da meta. Esse movimento é um sinal positivo para o poder de compra das famílias e para as perspectivas de queda mais acelerada dos juros, mas a trajetória futura permanece sob ameaça da alta do petróleo.

Variação por Grupos — Porto Alegre | Jan e Fev 2026

A tabela de grupos apresenta a variação mensal dessazonalizada do IPCA por categoria de despesa para os dois meses mais recentes disponíveis. O uso da série dessazonalizada remove os efeitos do calendário e da sazonalidade, como o impacto de matrículas e mensalidades em fevereiro, permitindo comparar o ritmo inflacionário intrínseco de cada grupo entre os meses. A coluna de tendência indica se o grupo acelerou ou desacelerou entre janeiro e fevereiro.

Grupo / Subgrupo	Jan/2026	Fev/2026	Tendência
Índice geral	+0.22%	+0.32%	▲ Acelerou
Alimentação e bebidas	+0.49%	-0.34%	▼ Desacelerou
· Alim. no domicílio	+0.43%	-0.64%	▼ Desacelerou
· Alim. fora domicílio	+0.63%	+0.38%	▼ Desacelerou
Habitação	-0.03%	-0.44%	▼ Desacelerou
Artigos de residência	-0.69%	+0.16%	▲ Acelerou

Vestuário	-0.15%	+0.11%	▲ Acelerou
Transportes	+0.01%	+0.54%	▲ Acelerou
Saúde e cuid. pessoais	+0.91%	+0.41%	▼ Desacelerou
Despesas pessoais	+0.02%	+0.13%	▲ Acelerou
Educação	-0.04%	+4.90%	▲ Acelerou
Comunicação	+0.63%	+0.21%	▼ Desacelerou

Verde = variação positiva; vermelho = variação negativa. Fundo alaranjado = variação de destaque ($|v| \geq 1,5\%$). Dados dessazonalizados — IBGE Tabela 7061, RM de Porto Alegre.

Fundo alaranjado = variação de destaque ($|v| \geq 1,5\%$). Índice geral em negrito. Fonte: IBGE Tabela 7061.

Análise da Inflação — Leitura e Implicações para o Varejo

O que os dados revelam

O IPCA de Porto Alegre em fevereiro de 2026 ficou em +0,33% no mês, bem abaixo dos +1,29% registrados em fevereiro de 2025. A moderação não foi uniforme entre os grupos e resulta de movimentos que merecem leitura cuidadosa.

Educação (+4,90%) foi o grupo de maior pressão em fevereiro, impulsionado pelos reajustes anuais de mensalidades, movimento esperado e de efeito pontual, que tende a não se repetir nos meses seguintes. Transportes avançou +0,54%, já incorporando os primeiros efeitos da alta dos combustíveis, ainda de forma moderada: o mercado aponta elevação acumulada de 20% no diesel e 9% na gasolina nas semanas recentes, cujo impacto pleno deverá aparecer nas leituras de março e abril. Alimentação e bebidas recuou -0,34% no mês, puxada pela queda de -0,64% na alimentação no domicílio, alívio bem-vindo para as famílias, especialmente as de menor renda.

A inflação de serviços, termômetro mais importante para o Banco Central, pois reflete pressões domésticas de custo e demanda, seguiu relativamente pressionada. Alimentação fora do domicílio (+0,38%) e Saúde e cuidados pessoais (+0,41%) mostram que a inflação inercial de serviços ainda não convergiu para o centro da meta. Esse é exatamente o quadro que o Copom descreve ao justificar a cautela no ritmo de cortes.

O recuo do acumulado em 12 meses e suas implicações

A queda do acumulado em 12 meses de 5,06% (janeiro) para 4,07% (fevereiro) é o dado mais expressivo desta edição. O recuo de 0,99 ponto percentual em uma única leitura explica-se por um efeito base favorável: fevereiro de 2025 havia registrado alta mensal de 1,29% em Porto Alegre, valor elevado que saiu do cálculo anualizado e foi substituído pelos mais modestos +0,33% de fevereiro de 2026.





O retorno ao interior do intervalo de tolerância (1,5%–4,5%) é positivo: indica que a política monetária restritiva está cumprindo seu papel de ancoragem. Para o varejo, esse movimento pode antecipar uma redução mais acelerada dos juros, desde que a trajetória se confirme nas próximas leituras. O risco, porém, é real: a alta do petróleo pressiona combustíveis, fretes e energia elétrica, todos componentes que afetam diretamente o custo do varejo e o orçamento das famílias.

🔗 O IPCA de março/26 para Porto Alegre será divulgado em 10 de abril pelo IBGE. O mercado revisou para cima sua projeção de IPCA nacional para 2026, de 4,5% para 4,7%, incorporando os efeitos secundários da alta do petróleo. O risco de o acumulado em 12 meses de Porto Alegre voltar a superar o teto de 4,5% nas próximas leituras é real e deve ser monitorado de perto.

Síntese e Perspectivas

O cenário de abril de 2026 para o varejo de Porto Alegre é de transição cautelosa. O ciclo de cortes de juros começou, o que é positivo, mas o ritmo é lento demais para produzir efeitos imediatos sobre o crédito e o consumo. A inflação local desacelerou expressivamente, mas permanece acima da meta. O emprego formal na cidade segue em trajetória de expansão no agregado, mas o Comércio Varejista acumula dois meses negativos consecutivos em 2026, em um padrão que aponta para limitações estruturais além da sazonalidade.

Para os próximos meses, os principais vetores a acompanhar são: (i) a trajetória do IPCA de março, que deverá incorporar o choque de combustíveis com mais amplitude; (ii) o CAGED de março, que indicará se o varejo retoma a recuperação sazonal esperada para o mês; (iii) a decisão do Copom em 28–29 de abril, que sinalizará o ritmo futuro dos cortes; e (iv) a evolução do conflito no Oriente Médio, principal fonte de incerteza global.

Indicador	Valor recente	Observação
Selic (pós-Copom mar/26)	14,75% a.a.	Início do ciclo; próxima reunião: 28–29/abr
IPCA Brasil 12m (fev/26)	3,81%	Dentro da meta; fev/25 era 4,44%
IPCA Porto Alegre 12m (fev/26)	4,07%	↓ de 5,06% (jan/26); ainda acima de 3%
IPCA-15 Brasil (mar/26)	0,44% 3,90% 12m	Combustíveis ainda sem impacto pleno
Desemprego Brasil — PNADc (fev/26)	5,8%	Mínima histórica para o período — IBGE

Renda média habitual (fev/26)	R\$ 3.679	Recorde histórico da série PNADc
Crédito total s.f. (jan/26)	+9,6% a/a	Direcionado +12,2%; Livre +7,7%
Famílias endividadas — PEIC (mar/26)	80,4%	Recorde histórico — CNC
Inadimplência — PEIC (mar/26)	29,6%	+1,0 p.p. vs. março de 2025
CAGED POA — Varejo (bimestre)	-752 postos	-0,98% do estoque; único setor negativo
CAGED RS (fev/26)	+24.392 vagas	2º estado; Serviços lidera
PIB Brasil — projeção 2026	1,9%	Sicredi Asset; desaceleração vs. 2,3% em 2025
Resultado primário 2026 (proj.)	-R\$ 59,8 bi	c/ deduções: +R\$ 3,5 bi; dentro do arcabouço
Petróleo Brent (mar/26)	US\$ 118/bbl	+63,3% no mês; principal vetor de risco global

Fontes: IBGE — IPCA Tabelas 7060 e 7061 (RM de Porto Alegre, RS); MTE — Novo CAGED/PDET (jan-fev/2026); CNC — PEIC (mar/2026); Banco Central do Brasil — Copom, Boletim Focus; Sicredi Asset Management — Cenário Econômico, abr/2026; Ipea — Carta de Conjuntura, abr/2026.

Elaboração: Centro de Monitoramento do Varejo | Sindilojas Porto Alegre | Abril de 2026

